



Para voltar ao sumário, clique neste símbolo em qualquer uma das páginas.

AS ACELERADORAS COMO FOMENTO AO AGRONEGÓCIO: UM ESTUDO DE CASO NA ACELERADORA AGRINESS

Clarissa da Silva Flôr¹

Clarissa Stefani Teixeira²

Resumo: Como forma de incentivo ao empreendedorismo, as aceleradoras são uma tipologia de habitat de inovação bastante recente, que possui uma contribuição notória no desenvolvimento de pequenos negócios. É fortemente associada ao desenvolvimento de startups de software, porém já é possível perceber a atuação destas em especificidades de ciências da vida. Desta forma, o estudo teve como objetivo verificar como os serviços e subsídios oferecidos pela tipologia de aceleradoras podem contribuir com o desenvolvimento de pequenos empreendimentos com viés no agronegócio, em um estudo de caso aplicado em uma aceleradora com enfoque para a suinocultura. Para isso, foi realizado um estudo de caso de caráter descritivo, exploratório, com informações qualitativas acerca da aceleradora Agriness. Considerando as práticas observadas na Agriness, pode-se dizer que a Aceleradora não segue padrões de processos de aceleração assim como os realizados pelas aceleradoras de startups. Isso se deve principalmente pelo foco de atuação da Agriness que não é de startups e sim de granjas. Os diferenciais também se associam a inexistência de investimentos e de acesso a capital as granjas, sendo que estas contratam a Agriness para as consultorias que apresentam mentorias e capacitações principalmente com foco nas melhorias de processo produtivo e busca de sustentabilidade dos negócios e da própria produção.

Palavras-chave: Aceleradora. Agronegócio. Agriness.

1 Graduada em Administração. VIA Estação Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Tecnológico (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, CEP: 88040-900, Fone: (48) 3721-2451, e-mail: clari2.sf@gmail.com

2 Doutorado. Professora do Departamento de Engenharia do Conhecimento. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, VIA Estação Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Tecnológico (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, CEP: 88040-900, Fone: (48) 91585552, e-mail: clastefani@gmail.com



Para voltar ao sumário, clique neste símbolo em qualquer uma das páginas.

ACCELERATORS AS A FOSTER TO AGRIBUSINESS: A CASE STUDY IN THE AGRINESS ACCELERATOR

Abstract: As a way of encouraging entrepreneurship, as accelerators are a rather recent typology of innovation habitat, which has a notable contribution to the development of small businesses. It is related to the development of software startups, but it is already possible to perceive the performance of these in life sciences. In this way, the study aimed to evaluate the services and subsidies of the typology of a case study program, with the development of small development programs, without agribusiness, in a case study, in an accelerator with a focus on swine. The study is the case of character characteristics, exploratory, with qualitative information about the accelerative Agriness. The asphalt not made agglomeration, may not found that the Accelerator non-following patterns of actions of acceleration such as the canceled process startups. This is due to the focus of Agriness's performance that is not from startups but from farms. The differentials are also associated with a lack of investments and access capital to farms, which are hired to carry out consultancy that present mentoring and training focusing on improvements in production process and pursuit of sustainability of business and production itself.

Keywords: Accelerator. Agrobusiness. Agriness.



INTRODUÇÃO

Com as constantes mudanças tecnológicas e o número de concorrentes cada vez mais elevado, as empresas necessitam adaptar seus processos de forma a atrelar vantagens competitivas perante seus concorrentes, bem como atender as exigências de seus consumidores (COSTA; SANTANA; TRIGO, 2015). Esse cenário se apresenta ainda mais desafiador quando se trata de uma pequena empresa e com escasso conhecimento técnico e de gestão.

Apesar do aumento do êxodo rural e a migração para as grandes cidades nas últimas décadas em busca de melhor qualidade de vida, o campo se apresenta como um ambiente fértil de oportunidades e crescimento para os produtores rurais, já que estes são responsáveis por uma parcela expressiva da produção do que é consumido nas grandes cidades.

O mercado de suinocultura encontra-se em forte expansão. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA, 2017) em 2016 foram produzidas 3731 mil toneladas de carne suína no Brasil e o consumo corresponde a 80,4% no mercado interno e 19,6% destinadas para a exportação. O estado de Santa Catarina corresponde a maior contribuição no abate de suínos, com um valor significativo de 26,35% e por consequência o maior polo de exportação do país, com 37,9% e escoamento a partir do Porto de Itajaí (ABPA, 2017).

Diante dessas possibilidades, o agronegócio emerge de soluções que visem aproximar as técnicas e informações de mercado e ferramentas de gestão para os produtores rurais. Nesse sentido, as tipologias de habitats de inovação vêm trazendo contribuições para todos os setores de produção tecnológica, industrial e mais recentemente para o agronegócio. Flôr et al. (2016) afirmam que já é possível perceber a presença de aceleradoras com enfoques de atuação para as ciências da vida.

As aceleradoras são um fenômeno recente se comparado com as demais tipologias de habitats de inovação. Estas se apresentam como uma forma de apoio aos empreendedores, no desenvolvimento de pequenos negócios, direcionados para as startups, de forma a fornecer metodologias de desenvolvimento em um curto período de tempo (KOHLENER, 2016).

Como suporte ao crescente desenvolvimento agroindustrial da região sul e principalmente em Santa Catarina, o estado conta com a presença de uma aceleradora com foco na intensificação da produção de suínos, localizada na capital catarinense, porém com atuação nas diversas regiões do país e com alcance para o mercado externo (FLÔR; TEIXEIRA, 2016).

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo verificar como os serviços e subsídios oferecidos pela tipologia de aceleradoras podem contribuir com o desenvolvimento de pequenos empreendimentos com viés no agronegócio, em um estudo de caso aplicado em uma aceleradora de suinocultura.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como sendo descritivo exploratório com informações qualitativas por meio de um estudo de caso acerca de uma aceleradora com atuação no setor de suinocultura presente no estado de Santa Catarina (GODOY, 1995; VERGARA, 2000; PEREIRA, 2003).

A pesquisa de caráter exploratório oferece benefícios quando o tema em questão possui poucos estudos prévios ou não aprofundamentos na literatura. Essa pesquisa busca reunir conhecimentos com maior profundidade e trazer à tona informações inéditas sobre aquele tema (RAUPP; BEUREN, 2006).

Moresi (2003) considera que a pesquisa qualitativa interpreta os fenômenos e atribui significado a estes não se utilizando de dados estatísticos na associação entre o mundo real e o sujeito de pesquisa. Nesse modelo de pesquisa, a



coleta de dados é feita pelo pesquisador a partir do ambiente natural como fonte direta e a preocupação concentra-se no processo e não apenas no resultado obtido (GODOY, 1995). Bonat (2009) pondera que a pesquisa descritiva também se concentra em relatar o fenômeno e não de propor soluções.

Ventura (2007) afirma que a pesquisa de estudo de caso se propõe a fazer uma análise detalhada de um único caso de forma a compreender um fenômeno complexo estudado. Yin (2015) complementa que essa investigação pode incluir casos únicos ou múltiplos e é mais detalhada e profunda.

Para a coleta de dados acerca do panorama do agronegócio no Brasil, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Esse colhimento de informações é feito com o objetivo de o pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o assunto previamente. Esta etapa é primordial para todas as pesquisas científicas, porém há estudos que se utilizam unicamente dessa modalidade (FONSECA, 2002).

Nesse sentido, inicialmente foram analisadas as aceleradoras com enfoque para o agronegócio, de acordo com as 62 mapeadas por Flôr et al. (2016). Ainda se realizou uma checagem por meio do google com as palavras “aceleradora e o agronegócio” e “aceleradora de suinocultura” no período durante o mês de maio de 2018. Dessa forma, foi considerado no estudo a aceleradora Agriness, que é pioneira com atuação nesse segmento e já conta com os serviços de mentoria para produtores de suínos desde 2002.

Após a identificação da aceleradora e seu site, foi realizado um levantamento de dados para caracterização e obtenção de informações pertinente, de acordo com seu respectivo site.

ACELERADORAS: VISÃO GERAL

Ainda que tenha confusão sobre a definição dos processos de aceleração, considerando-as como uma parte integrante da quarta era da inovação e a terceira geração como um avanço nos modelos de incubação, suas características possuem maior correlação com os investidores anjos (CARNEIRO; ZILINSKI; COSTA, 2017, TRAVERS; TEIXEIRA, 2017).

As diferentes denominações dadas ao conceito de aceleradora e por consequência a dificuldade encontrada na contagem com precisão do número existente dessa tipologia e suas contribuições no mercado, já foram relatadas por Flôr et. al (2016) e Travers e Teixeira (2017) em seus estudos.

Stayton e Mangematin (2018) cogitam que as aceleradoras não derivam de apenas uma origem e o consenso sobre o que deve e não deve ser estabelecido como aceleradora, ainda não foi definido na literatura. Estes mesmos autores afirmam ainda que há muitas variações de programas de aceleração além do modelo priorizado pela pioneira Y Combinator. Dempwolf, Auer e D’Ippolito (2014) apontam quatro tipos de aceleradoras como sendo: de inovação, social, universitário e corporativo. Nessas diferenciações apontadas pelos autores, a Y Combinator se enquadra como sendo uma aceleradora corporativa.

Cohen e Hochberg (2014) afirmam que o modelo tradicional de aceleração surgiu nos Estados Unidos e a Y Combinator foi fundada em 2005 por Paul Graham, em Cambridge e logo se estabeleceu no Silicon Valley. Posteriormente, em 2007 foi lançada a TechStars e desde então, considera-se que há de 300 a mais de 2000 programas de aceleração em todo o mundo.

Cohen (2013) pondera que as aceleradoras são organizações que têm como objetivo auxiliar empresas nos primeiros estágios de desenvolvimento, a definir e construir seu modelo de negócio, percebendo o segmento de clientes mais promissores, e proporcionando recursos para a organização.



As aceleradoras são programas de duração limitada, em um curto período de tempo que pode ser de três meses, e que permite aos empreendedores acesso à capital semente, espaço de trabalho, networking, orientação e educação com mentores experientes (COHEN; HOCHBERG, 2014). Autores como Flôr et. al (2016) indicam que no Brasil o tempo de aceleração pode variar de 4 meses a 12 meses. Além disso, os mesmos benefícios são encontrados incluindo os apoios financeiros. Cohen (2013) complementa que além dos investimentos provenientes da própria aceleradora, os programas de aceleração finalizam com o dia de demonstração, o demo day, onde é feita a apresentação para os investidores. Pauwels et. al (2016) também abordam que estas oferecem investimento semente geralmente em troca de participação na empresa.

Seet et. al (2018) consideram as aceleradoras como apoiadoras também na transformação de indústrias que buscam agregar a prestação de serviços ao setor de produção, como forma de inovar seus processos e acrescentar valor ao uso.

AGRINESS: ACELERADORA DO AGRONEGÓCIO COM ENFOQUE PARA A PRODUÇÃO DE SUÍNOS

A Agriness é uma empresa catarinense, com sede em Florianópolis, no Parque Tecnológico Parque Tecnológico Alfa que atua desde 2001 com o propósito de agregar a tecnologia, informação e gestão para a cadeia de produção de suínos, com a finalidade de alcançar um rendimento mais elevado e proporcionar um melhor desempenho (AGRINESS, 2018a). O modelo próprio de aceleração se iniciou aproximadamente na mesma época das primeiras aceleradoras dos Estados Unidos, assim como indica Cohen e Hochberg (2014). Entretanto, diferentemente de aceleradoras de startups o modelo da Agriness apresenta alguns pontos que divergem do convencional.

Tendo como pilares a educação, inovação e produtividade, a organização se utiliza de técnicas e o desenvolvimento de soluções para que o produtor rural possa ter sustentabilidade no seu negócio de uma forma mais organizada, por meio da definição de objetivos para cada granja e o modo de como alcançá-los. Não necessariamente aplicado processo para escalar mundialmente ou ainda considerando negócios nascentes (COHEN E HOCHBERG, 2014), como as aceleradoras de startups, o modelo da Agriness também apresenta diferencial com vistas ao público atingido. Autores como Flôr et al (2016) já indicam que as aceleradoras atuam com negócios escaláveis e inovadores em diversas áreas, como por exemplo, automação, energia, microeletrônica, modelagem computacional, software, realidade virtual, agro-negócio, saúde, impacto social ou ambiental, marketing, finanças, legal, entre outros.

Além disso, enquanto as aceleradoras de startups apresentam foco em turmas específicas, chamadas de coortes assim como indicam Travers e Teixeira (2017), a Agriness apresenta como foco granjas específicas que entram em contato com a aceleradora por meio do próprio site.

Semelhantemente as metodologias de processos de aceleração apresentadas por Flôr et. al (2016) em seus estudos, a Agriness apresenta diferencial metodológico, replicado para diferentes granjas. Assim, para que possa apoiar a expansão do agronegócio, a empresa possui conteúdos e consultorias elaboradas para dar suporte, aliados a uma plataforma de gestão integrada de informações referente aos processos de gestão e técnico por meio da coleta e análise de dados.

Cohen (2013) indica que a aceleração vai além dos espaços de trabalho. No caso da Agriness esse ponto pode ser considerado como sendo irrelevante pois as ações são realizadas in loco nas granjas de forma a melhorar o uso da ferramenta de gestão e checagem de informações. Seet et. al (2018) acrescentam que as metodologias são formas complementares de apoio, porém as mentorias e acompanhamentos possuem relevância notória. Isso pode ser aplicado na Agriness uma vez que o uso da ferramenta de gestão é complementar as mentorias presenciais e virtuais nas granjas.



Para voltar ao sumário, clique neste símbolo em qualquer uma das páginas.

O ponto de apoio da Agriness pode ser considerado os ambientes virtuais de gestão, Suinosis e S2, que já são utilizados por mais de 85% das granjas de suínos em todo o país. O processo pode ser considerado então como educativo para os conhecimentos específicos em termos de processo produtivo e sustentabilidade das granjas. A ferramenta de gestão Agriness S2 foi desenvolvida separadamente para cada etapa na produção de suínos e de acordo com o perfil de cada granja: Comercial, multiplicadora, CIA, quarto sítio, parceria, e fábrica de ração (AGRINESS, 2018b).

Como complemento das ferramentas disponibilizadas pela empresa, a Agriness conta também com o serviço de uma academia. Com conteúdo direcionados para a Academia Agriness, a integração proporciona o crescimento em todos os níveis organizacionais, profissionalização e o aumento no nível de excelência com o uso de métodos próprios. Esses pontos podem ser considerados como estando alinhados no cerne do desenvolvimento das aceleradoras de startups já conhecidas.

Cohen (2003) considera que as aceleradoras de startups também oferecem uma infinidade de oportunidades de networking, com ambos os empreendimentos de pares e mentores, que poderiam ser empresários de sucesso, egressos do programa, capitalistas de risco, investidores anjo, ou mesmo corporativos executivos. Autores como Isabelle (2013) indicam que o modelo de aceleração inclui serviços intangíveis, como mentoria e networking. Porém, como diferenciais, a Agriness não apresenta serviços com foco em capital de risco ou ainda investidores anjos.

A aceleradora atua no setor estratégico da organização, desde 2002, de forma a aumentar a produção de suínos em menos tempo por meio da utilização de técnicas e ferramentas, atrelado a um serviço personalizado. É pioneira no que tange a conexão entre os proveitos oferecidos pelos processos de aceleração no segmento de produção de suínos (AGRINESS, 2018c). Neste contexto, o alinhamento conceitual da aceleradora poderia ser associado a aceleradoras corporativas.

Kohler (2016) considera que as aceleradoras corporativas são caracterizadas por serem suportadas por empresas com objetivo de tentar complementar os pontos fortes das startups e das empresas grandes. Porém, no caso da Agriness esses objetivos não são alinhados visto que os objetivos dos programas desenvolvidos não são em tentar suprir lacunas da Agriness e sim prestar um serviço específico para granjas que querem melhorar seus desempenhos. Para tanto, a Agriness utiliza metodologia própria chamada Pensamento +1 que traz como enfoque a produção de um suíno a mais por vez e assim, incrementar a sua eficiência.

A implantação do sistema se utiliza de ferramentas, cursos e consultorias, indo ao encontro das necessidades de cada cliente (AGRINESS, 2018c). O livro “Suíno. Cultura: como o Pensamento+1 pode transformar o seu negócio” é uma forma de incremento a metodologia utilizada que é entregue a cada produtor que participa da rodada de aceleração. O livro traz informações sobre a aplicação do método de uma forma clara e acessível, com conteúdo de benchmarking de produção e o Máximo Potencial Produtivo (MPP).

O principal serviço da aceleradora na aplicação da metodologia, é a realização de mentorias presenciais nas granjas com o apoio de auditores que verificam o progresso de cada produtor e a aplicação da teoria na prática. As mentorias realizadas se associam as práticas de habitats de inovação que buscam melhorias em termos do processo de produção dos locais.

A aceleradora também oferece os serviços de gestão com a realização do diagnóstico de produtividade e o planejamento anual de produção. Os serviços são oferecidos de forma que os produtores tenham uma percepção mais clara sobre as oportunidades a serem aproveitadas, consigam reduzir o desperdício e aprendam a identificar os gargalos de produção (AGRINESS, 2018c).

Considerando as análises frente a literatura de aceleradoras de startups pode-se dizer que a Agriness não apresenta um modelo que segue o alinhamento conceitual já definido pela literatura embora algumas das práticas de



mentoria e acompanhamento de negócios sejam encontrados e estejam alinhados com a literatura. Assim, o quadro 1 ilustra as comparações realizadas com a teoria de autores consolidados na teoria das aceleradoras e a prática encontrada com a aceleradora Agriness.

Quadro 1: Comparação entre a teoria e o que é aplicado na aceleradora Agriness.

Etapa	Teoria	Autores	Aceleradora Agriness
Ano de Fundação	O modelo tradicional de aceleração, surgiu nos Estados Unidos com a Y Combinator, fundada em 2005.	Cohen e Hochberg (2014).	A empresa atua desde 2001 no segmento de suínos, mas sua aceleradora iniciou suas atividades em 2002.
Objetivo	Organizações que tem como objetivo auxiliar empresas nos primeiros estágios de desenvolvimento, a definir e construir seu modelo de negócio, percebendo o segmento de clientes mais promissores, e proporcionando recursos para a organização.	Cohen (2013)	Agregar a tecnologia, informação e gestão para a cadeia de produção de suínos, com a finalidade de alcançar um rendimento mais elevado e proporcionar um melhor desempenho.
Duração da rodada de aceleração	Programas de duração limitada, em um curto período de tempo, que pode ser de três meses.	Cohen e Hochberg (2014)	Não identificado.
Serviços Oferecido	Acesso à capital semente, espaço de trabalho, networking, orientação e educação com mentores experientes.	Cohen e Hochberg (2014)	A aceleradora oferece o serviço de aplicação da metodologia do Pensamento +1, por meio de mentorias presenciais. Oferece também demais serviços de gestão.
Investimento Financeiro	As aceleradoras oferecem investimento semente em troca de participação na empresa.	Pauwels et. al (2016)	Não possui.
Demo Day	Os programas de aceleração finalizam com o dia de demonstração, o demo day, onde é feita a apresentação para os investidores.	Cohen (2013)	Não possui.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Diferentemente do processo já realizado pelas aceleradoras brasileiras, a Agriness apresenta diferencial em termos de processo de acompanhamento das empresas aceleradas. Além disso, não apresenta investimento financeiro. O aporte financeiro é uma prática bastante comum entre as aceleradoras e esta vem sendo considerada por autores como Pauwels et. al (2016); Casanova; Cornelius; Dutta (2018).

Logo, também não são realizadas atividades que envolvem a demonstração da empresa, como a participação acionária e o Demo Day, uma vez que o final do processo de aceleração não tem como enfoque mostrar a empresa para investidores e sim permitir, que as granjas estejam mais eficientes e com sustentabilidade, utilizando menos recursos e sendo mais produtivas. Yu (2016); Battistella; Toni; Pessot (2017) apontam o Demo Day como uma estratégia percebida como oportunidade para os investidores obterem mais informações sobre as empresas que estão interessados.

Para que o processo se torne mais efetivo junto as granjas, a Agriness apresenta metodologia própria para o



acompanhamento de seus processos. Entretanto não manifesta processos seletivos como encontrados em outros ambientes de inovação, como incubadoras ou ainda as próprias aceleradoras, conforme indicam Flôr et. al (2016); Travers; Teixeira (2017).

Ademais, outro ponto importante de ser salientado é que a Agriness não utiliza de seu processo para buscar melhorias para a própria empresa, sendo isso uma prática realizada para a consultoria e assessoria de seus clientes. Desta forma, a Agriness possui uma parcela significativa de mercado, correspondendo a 80% no mercado interno e 40% em exportação para a Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, França, México, Paraguai, Polônia, Portugal e Uruguai na prestação dos serviços e a aplicação da metodologia e ferramentas. Conta também com mais de 120 granjas aceleradas e mais de 1000 pessoas envolvidas nos processos de aceleração. O crescimento da organização se deve em grande parcela pela comunicação informal entre os produtores de suínos e a indicação de granjas que já passaram pelas rodadas de aceleração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ambientes de inovação vêm como forma de apoiar o desenvolvimento de novos negócios, a exemplo da tipologia de aceleradoras que apresenta seu foco nos diversos segmentos incluindo ciências da vida (FLÔR et. al, 2016).

As aceleradoras são consideradas por diversos autores como sendo programas de curta duração, cerca de três meses, que oferecem intensa capacitação e mentorias com o uso de metodologias e propiciam o networking entre os participantes das rodadas. Além disso, o valor investido é considerado por diversos autores como um requisito importante para a definição e atuação das aceleradoras.

Considerando as práticas observadas na Agriness, pode-se dizer que a aceleradora não segue padrões de processos de aceleração assim como os realizados pelas aceleradoras de startups. Isso se deve principalmente pelo foco de atuação da Agriness que não é de startups e sim de granjas.

Os diferenciais também se associam a inexistência de investimentos e de acesso a capital as granjas, sendo que estas contratam a Agriness para as consultorias que apresentam mentorias e capacitações principalmente com foco nas melhorias de processo produtivo e busca de sustentabilidade dos negócios e da própria produção.

Além disso, a Agriness define metodologia própria para o acompanhamento de seus processos junto as granjas, entretanto não apresenta processos seletivos como encontrados em outros ambientes de inovação. Nesse sentido também, os processos são ocorrem por meio de turmas ou coortes, ou seja, não ocorre a troca de experiências entre os acelerados através do networking. Essa troca ocorre apenas através das mentorias presenciais.

Ademais a aceleradora de suinocultura, não utiliza de seu processo para buscar melhorias para a própria empresa, sendo isso uma prática realizada para a consultoria e assessoria de seus clientes.



Para voltar ao sumário, clique neste símbolo em qualquer uma das páginas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABPA – Associação Brasileira de Proteína Animal. Relatório Anual. 2017. Disponível em: <http://abpa-br.com.br/storage/files/3678c_final_abpa_relatorio_anual_2016_portugues_web_reduzido.pdf>.
- AGRINESS. Quem somos. [S.l.]. 2018a. Disponível em: <<http://www.agriness.com/pt/quem-somos/>>. Acesso em 2 de junho de 2018.
- AGRINESS. Produtos e Serviços. Família S2. [S.l.]. 2018b. Disponível em: <<http://www.agriness.com/pt/produtos-software-suinos/>>. Acesso em 2 de junho de 2018.
- AGRINESS. Produtos e Serviços. Aceleradora. [S.l.]. 2018c. Disponível em: <<http://www.agriness.com/pt/aceleradora/>>. Acesso em 2 de junho de 2018.
- BATTISTELLA, C.; TONI, A. F.; PESSOT, E. Open accelerators for start-ups success: A case study. **European Journal of Innovation Management**. v.20, n.1, p.80-111, 2017.
- BONAT, D. **Metodologia de Pesquisa**. 3 ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.
- CARNEIRO, M. R.; ZILINSKI, T. F.; COSTA, E. M. Práticas e mecanismos de compartilhamento de conhecimento em um programa de aceleração de startups. **Navus - Revista de Gestão e Tecnologia**. v.7, n.2, p.113-123, abril. / jun., 2017.
- CASANOVA, L.; CORNELIUS, P. K.; DUTTA, S. Capítulo 10 – Formas não-institucionais de financiamento empreendedor: Investimentos Anjos, Aceleradores e Equivalência de Financiamentos. **Financiamento de Empreendedorismo e Inovação em Mercados Emergentes**. p. 239-262. Academic Press, 2018.
- COHEN, S. What Do Accelerators Do? Insights from Incubators and Angels. **Innovations**. v. 8, n. ¾, p. 19-25, 2013.
- COHEN, S. G.; HOCHBERG, Y. V. Accelerating Startups: The Seed Accelerator Phenomenon. Massachusetts Institute of Technology and NBER. Mar., 2014.
- COSTA, A. S. C.; SANTANA, L. C.; TRIGO, A. C. Qualidade do atendimento ao cliente: Um grande diferencial competitivo para as organizações. **RIC – Revista de Iniciação Científica**. v. 2, n. 2, p. 155-172. 2015.



DEMPWOLF, C. S.; AUER, J.; D'IPPOLITO, M. Innovation Accelerators: Defining Characteristics Among Startup Assistance Organizations. **SBA – Office of Advocacy**. Out., 2014.

FLÔR, C.S.; SANTOS, G. S. A. P.; ZANINI, M. C.; EHLERS, A. C. S. T. TEIXEIRA, C. S.T. As aceleradoras Brasileiras: Levantamento para identificação do foco e distribuição territorial. **Conferência ANPROTEC**. Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.anprotec.org.br/moc/anais/ID_128.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

FLÔR, C.S., TEIXEIRA, C.S. Caracterização das aceleradoras do Estado de Santa Catarina. **INOVA/ENIT 2016**. São Bento do Sul, 2016. Disponível em: <<http://www.inova.ceplan.udesc.br/ocs/public/anais/6245.pdf>>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, 1995.

ISABELLE, D. A. Key Factors Affecting a Technology Entrepreneur's Choice of Incubator or Accelerator. *Technology Innovation Management Review*, v. 3, n. 2, p. 16, 2013.

KOHLER, T. Corporate accelerators: Building bridges between corporations and startups. Elsevier. **Business Horizons**. v. 59, n. 3, p. 347-357, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0007681316000094>>.

MORESI, E. (Org). **Metodologia de pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

PAUWELS, C.; CLARYSSE, B.; WRIGHT, M.; HOVE, J. V. Understanding a new generation incubation model: The accelerator. Elsevier. **Technovation**. v. 50-51, p. 13-24, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497215000644>>.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Koogan, 2003.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências**. In: Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: Teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2006.



Para voltar ao sumário, clique neste símbolo em qualquer uma das páginas.

SEET, P. S. et. al. Beyond 'know-what' and 'know-how' to 'knowwho': Enhancing human capital with social capital in an Australian start-up accelerator. **Asia Pacific Business Review**. v.24, n. 2, p. 233-260. 2018.

STAYTON, J.; MANGEMATIN, V. Seed accelerators and the speed of new venture creation. Springer Science+Business Media. **The Journal of Technology Transfer**. p. 1-25. Jan., 2018. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10961-017-9646-0>>.

TRAVERS, P. K.; TEIXEIRA, C. S. As características definidoras das aceleradoras e suas diferenças para outras organizações filantrópicas. **REAVI – Revista Científica do Alto Vale do Itajaí**. v.6, n. 9, p. 98-107. Jul., 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/reavi/article/view/2316419006092017098/7209>>.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Revista SOCERJ**. v. 20, n.5, p. 383-386, 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios em administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 5 ed. Bookman editora, 2015.

YU, S. How Do Accelerators Impact High-Technology Ventures? *Revise & Resubmit, Management Science*. University of California, Berkeley. 2016.